A Orientação do Comandante do *USJFCOM* Acerca de Operações Baseadas em Efeitos

SEGUE ABAIXO meu parecer e orientação acerca das operações baseadas-em-efeito *[Effect-Based Operations-EBO]*. Este artigo destina-se a prover ao pessoal do Comando das Forças Conjuntas dos Estados Unidos *[U.S. Joint Forces Command-USJFCOM]* orientação clara e nova direção referentes ao tratamento dado às *EBO* em doutrina e treinamento conjuntos, desenvolvimento de conceito e provas. Estou convencido de que várias interpretações causaram confusão em toda a força conjunta e entre os parceiros multinacionais, o que deve ser corrigido. Penso que o conceito foi mal aplicado e tão expandido que chegou a ponto de prejudicar as operações conjuntas.

Assim, devemos regressar aos princípios estabelecidos e à terminologia que nossas forças já colocaram à prova no calor da batalha e que estão muito bem fundamentadas na teoria e natureza da guerra. Ao mesmo tempo, devemos reter e adotar os aspectos úteis do raciocínio baseado-em-efeito. Devemos destacar a importância das ordens tipo-missão que contêm o intento claro do comandante e as tarefas e propósitos não ambíguos e, o importantíssimo, que unem modos e meios com objetivos atingíveis. A fim de aumentar esses princípios, devemos utilizar capacidades não-militares e esforçar-nos para melhor compreender as diferentes variáveis que compõem os ambientes atuais de operações mais complexos.

Minha avaliação foi moldada pelas experiências pessoais e de outros em uma variedade de situações operacionais. Estou convencido de que, em primeiro lugar, as operações futuras exigirão um equilíbrio de competências regulares e irregulares. Segundo, o inimigo é esperto e adaptável. Terceiro, todos os ambientes operacionais são dinâmicos com uma infinidade de variáveis. Assim, não é cientificamente possível diagnosticar com precisão o resultado de uma ação. Sugerir o oposto é contrário à experiência histórica e à natureza da guerra. Quarto, erramos ao pensar que o que funciona ou não em um teatro aplica-se universalmente a todos os outros. Finalmente, cito as palavras do General Sherman: "Toda tentativa em fazer com que uma guerra seja fácil e segura resultará em humilhação e desastre". A história está repleta de exemplos e não existe qualquer confiança de que a previsibilidade judiciosa prometida pelo longo ciclo de avaliação das *EBO* fortalecerá nossa doutrina.

A força conjunta deve agir cercada de incertezas e prosperar em caos, assimilando a oportunidade que lá se encontra, sem desistir, quando existe a necessidade de maiores dados. O propósito do *USJFCOM* é assegurar que a doutrina conjunta facilitará e simplificará as operações conjuntas, reduzindo, ao mesmo tempo, a fricção entre as forças amigas. Meu objetivo é fazer com que a claridade volte aos processos de planejamento e conceitos operacionais. Em última palavra, meu objetivo é assegurar que os líderes transmitam seu intento em termos claros e compreensíveis, dandos aos subordinados o poder de agir decisivamente.

Embora a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e muitas nações parceiras tenham adotado a nomenclatura das *EBO*, as diretrizes da OTAN enfocam-se na Metodologia Compreensiva do governo-total. Em suma, a abordagem baseada-em-efeitos da OTAN *(EBAO)* não reflete completamente as *EBO* dos Estados Unidos. Assim, nesta orientação, não me dirijo ao uso das *EBAO* pela OTAN.

Este artigo explica meu ponto de vista e apresenta uma orientação acerca de questões relacionadas ao uso de *EBO*, *EBAO* pelo *USJFCOM*, avaliação líquida operacional *[Operational Net Assessmente-ONA]*, e análise de sistema-de-sistemas *[system-of-systems analysis-SoSA]* em desenvolvimento, treinamento e

experimento de força futura. Os elementos desses conceitos provaram sua utilidade ao tratarmos de "sistemas fechados *["closed systems"]* tais como seleção de alvos, onde os efeitos podem ser calculados pela análise deliberada e métodos de projeção de alvos da Força Aérea norteamericana. Contudo, os conceitos foram mal utilizados por outros em operações que foram além do intuito original, resultando em super-expansão e confusão. Assim, mudaremos de curso, providenciando ao guerreiro uma estrutura mais equilibrada e compreensível com a qual podem planejar, executar e avaliar as operações.

Perspectiva

Após minuciosa avaliação, é minha estimativa de que as ideias refletidas nas *EBO, ONA* e *SoSA* não produziram os resultados benéficos proclamados e que uma compreensão clara desses conceitos provou ser problemática e elusiva para os Estados Unidos e o pessoal multi-nacional. Por exemplo, uma análise do conflito recente entre Israel-*Hezballah* descobriu que a "terminologia" *EBO* "utilizada era complicada demais, fútil e incompreensível para milhares de oficiais que deviam colocá-las em execução".

(1) Nos círculos norteamericanos, os elementos desses conceitos foram prematuramente injetados em vários processos conjuntos e das Forças, resultando em ineficácia e confusão. O resultado foi um impacto geral negativo durante a guerra conjunta. Infelizmente, essa confusão também alastrou-se aos aliados. Embora conseguíssemos limitar o impacto da *SOSA, ONA,* e *EBO* dentro de nossa própria doutrina, a confusão permanece para muitos parceiros multi-nacionais. O Exército e os Fuzileiros Navais Norteamericanos e outros observadores também concluíram que as *EBO*:

- assumem um nível de previsibilidade inatingível
- não podem corretamente antecipar reações de sistemas complexos (por exemplo, sistemas de liderança, sociais, políticos e, assim por diante)
- requerem um nível inatingível de conhecimento do inimigo
- são demasiadamente prescritivas e super-coreografadas
- descontam as dimensões humanas da guerra (por exemplo, paixão, imaginação, força de vontade e falta de previsibilidade)
- promovem a centralização e levam ao micro-gerenciamento pelos quartéis-generais
- são lideradas pelo pessoal e não pelo comando
- deixam de dar direção clara e oportuna aos subordinados
- usam terminologia confusa e são difíceis de compreender

(2) O uso de *EBO* pelas Forças de Defesa de Israel *[The Israel Defense Forces-IDF]* durante o conflito Israel-Hezballah no Verão de 2006 é informativo. Embora existam vários motivos para o mau desempenho da *IDF* durante a guerra, várias avaliações pós-conflito concluiram que o apoio demasiado em conceitos *EBO* foram os fatores principais que contribuiram a sua derrota.

(3) Após a guerra, um general israelita observou que a nova doutrina *EBO* "estava em completa contradição com os princípios básicos mais importantes de operação para o exército em geral . . . e não está baseada, e até mesmo ignora, os fundamentos universais da guerra . . . Esse não é um conceito melhor ou pior. É completamente errôneo, que não pode ter êxito e no qual nunca deveríamos nos ter baseado."

(4) Outras funções de guerra essenciais, tais como projeto de planejamento da campanha, treinamento de armas combinado, comando e controle *(C2)* relacionamentos, e outros, foram passados por cima ou negligenciados a favor de princípios operacionais *EBO* designados a criar uma "percepção de vitória" pelas forças amigas e uma "percepção cognitiva de derrota " pelas forças inimigas. Esse ponto é martelado em estudo feito pelo Cen-

tro de Armas Combinadas do Exército dos Estados Unidos *[U.S. Army Combined Arms Center]*, que notou que os "proponentes das *EBO* dentro das *IDF* chegaram à conclusão de que o inimigo poderia ser completamente imobilizado por ataques aéreos de precisão contra sistemas militares críticos" e que se requerem "poucas ou nenhuma força terrestre, uma vez que não seriam necessárias para derrotar o inimigo."

(5) Esse tipo de raciocínio é contrário às lições históricas e à natureza fundamental da guerra.

Outros críticos das *EBO* comentam que dão demasiada ênfase ao fogo aéreo para o detrimento dos fundamentos de manobras terrestres. O fogo de precisão por si só provou ser ineficaz durante a operação *Desert Storm* em 1991, as operações de Kosovo em 1999 e recentemente durante a fase de "*choque e respeito*" da operação *Iraqi Freedom.* Os resultados inconclusivos daquelas operações destacam o fato de que as operações baseadas em efeito tendem a ser ineficazes quando usadas exclusivamente. O estudo do Centro de Armas Combinadas do Exército dos Estados Unidos também sugeriu que os métodos de planejamento confusos das *EBO* e a nova terminologia resultaram em instruções imprecisas, mal esclarecidas aos comandantes subordinados, causando várias interpretações do que os líderes seniores queriam alcançar. Esses exemplos, juntamente com resultados medíocres em exercícios, provas e operações presentes, colocam em dúvida a credibilidade e a eficácia das *EBO* como conceito em operações, inclusive quando forças combinadas aéreas-superfície forem utilizadas.

A maioria dos guerreiros reconhece que os elementos do raciocínio baseado-em-efeitos, se usados para alvos contra sistemas isolados, podem influenciar positivamente o planejamento. Por exemplo, as *EBO* deram origem a um exame minucioso de resultados desejáveis e possíveis consequências de ações. Em particular, esse foi o caso com respeito a alvos e operações específicas contra sistemas isolados, bem definidos, tais como redes de energia elétrica, redes de auto estradas e infraestrutura ferroviaria. As *EBO* também causaram o renascimento de avaliação de combate, além de simples avaliação de dano de batalha e promulgaram maior compreensão dos impactos de nossas ações. Contudo, o "caos faz da guerra um sistema adaptivo complexo, comparado aquele baseado em equilíbrio," o que torna muito difícil a previsão e a avaliação de como as ações físicas causam efeitos de comportamento.

(6) A maioria também concorda que qualquer conceito de planejamento que, de forma mecanizada, tenta infundir certeza e previsibilidade a ambiente inerentemente incerto é fundamentalmente contrário à natureza da guerra. Embora corretamente aleguem que as *EBO* evoluiram a um tipo de raciocínio muito mais chegado à "arte da guerra", devemos reconhecer que o termo baseado-em-efeitos é fundamentalmente imperfeito, possui muitíssimas interpretações e vai contra a natureza da guerra em si, aumentando a confusão e exagerando um senso de previsibilidade mais além do esperado.

O raciocínio e a terminologia baseados-em-efeitos foram usados para descrever a dificuldade em integrarmos os instrumentos de poder nacional diplomáticos, informativos, militares e econômicos *(DIME)* para criar as condições necessárias ao sucesso. Coordenar a *DIME* em abordagem compreensiva para as operações conjuntas não requer raciocínio baseado-em-efeitos ou novo léxico mas sim, uma fundação educacional firme e os meios colaborativos para ganhar e manter um entendimento compartilhado do problema e da complexidade envolvida em desenvolver soluções compreensivas. O melhor meio de alcançar esses objetivos é através de projeto de campanha eficaz, planejamento e avaliação, delineados no capítulo 4 do Manual de Campo 3-24 / Publicação de Guerra dos Fuzileiros Navais 3-33.5, Contrainsurgência e o Panfleto de Doutrina do Comando e Treinamento do Exército dos Estados Unidos 525-5-500, A Análise do Comandante e Projeto de Campanha *[Field Manual 3-24/ Marine Corps Warfighting Publication 3-33.5, Counterinsurgency, and U.S. Army Training and Doctrine Command Pamphlet 525-5-500, Commander's Appreciation and Campaign Design].* ❑

As opiniões expressas ou insinuadas nesta revista pertencem aos seus respectivos autores e não representam, necessariamente, as do Departamento de Defesa, da Força Aérea, da Universidade da Força Aérea ou de quaisquer outros órgãos ou departamentos do governo norte-americano.